

A INSTABILIDADE DAS ECONOMIAS CAPITALISTAS VISTA POR SCHUMPETER

*Femão Pompêo de Camargo Neto*¹

Qualquer abordagem da visão de Schumpeter sobre a instabilidade nas economias capitalistas pressupõe que se leve em consideração uma construção auxiliar — por ele concebida para servir de apoio à formulação da sua pioneira teoria sobre o desenvolvimento econômico — que é o "fluxo circular", que, segundo Possas, se constitui no "pilar do sistema schumpeteriano"².

Trata-se o "fluxo circular" de um modelo de economia de mercado "em condições de reprodução econômica sem mudança estrutural de qualquer natureza"³, em que uma situação de equilíbrio estático — em moldes tipicamente walrasianos — impera, e na qual vigoram a propriedade privada, a divisão do trabalho e a livre concorrência, bem como existe ausência de incerteza quanto ao futuro, dadas as características rotineiras da atividade econômica. Assim sendo, na ausência de mudanças drásticas, caracteriza-se uma economia deste tipo pela continuidade.

No "fluxo circular" acima descrito, o comportamento dos agentes econômicos é, por hipótese, meramente adaptativo, ajustando-se ele a alterações contínuas, porém lentas e de alcance limitado, que ocorrem no que tange à população, ao nível de consumo, às preferências dos consumidores, à evolução da técnica, etc. A duração do "fluxo circular" será tão longa quanto se fizer necessário para que os agentes possam incorporar, em suas práticas rotineiras, os processos de mudança em curso. O tempo em Schumpeter é, pois, nestas circunstâncias, caracterizado pela ocorrência de sucessivas situações de equilíbrio walrasiano, implicando na existência de um processo de tentativa e erro típico daquilo que Sheila Dow conceitua como "tempo histórico"⁴.

Em síntese, o "fluxo circular" caracteriza-se por

- atividade rotineira (ausência de incerteza);

1 Professor Titular do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - FCECA/PUCCAMP. Doutorando em História Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP.

2 Mario Luiz Possas, "A Dinâmica da Economia Capitalista: uma Abordagem Teórica", pg. 170

3 idem, pg. 180

4 cf. Sheila C. Dow, "Macroeconomic Thought: A Methodological Approach", pgs. 113 e 114

- ausência de mudanças fundamentais da economia;
- continuidade (como propriedade dinâmica fundamental).

Entretanto, o "fluxo circular", com a estabilidade a ele inerente, se constitui em apenas uma das etapas da dinâmica capitalista concebida por Schumpeter. Para ele, a dinâmica capitalista implica num processo contínuo de desenvolvimento, *cuja forma é cíclica*, de tal forma que se intercalem etapas de "fluxo circular" (rotina) com etapas de desenvolvimento (ruptura).

Para que se desencadeie o processo de desenvolvimento, faz-se necessária a intervenção de uma "força econômica" mais fundamental⁵, decorrente do acirramento da concorrência capitalista, que é a inovação. As inovações têm lugar no âmbito da produção e ocasionam a ruptura do equilíbrio estacionário, acarretando mudanças nos velhos sistemas produtivos e de circulação. Mudanças essas que implicam, via de regra, no estabelecimento de novas combinações dos fatores de produção existentes e em modificações nas funções de produção.

A introdução de transformações (inovações) no sistema econômico é, tipicamente, o que Schumpeter designa como "ato empresarial" (empreendimento), cujo executor ele chama "empresário". Empreendimento e empresário são fatos inerentes ao desenvolvimento, que inexistem no "fluxo circular". Na visão schumpeteriana, a incerteza só adquire relevância à medida que alguém se afasta da rotina. O empresário, ao tomar atitudes não rotineiras, assume riscos de incorrer em erros, e, portanto, convive com a incerteza.

A introdução de uma inovação implica, em geral, para Schumpeter, na constituição de novas firmas e na construção de novas fábricas, ou, pelo menos, numa transformação radical das velhas. Assim sendo, pela sua associação à constituição de novas firmas e à construção de novas fábricas, a inovação exige, geralmente, grandes gastos prévios ao aparecimento de quaisquer rendas, o que faz do crédito um elemento fundamental do processo. Financiar as inovações é, pois, para ele, função *essencial* do sistema creditício⁶.

Os efeitos econômicos da inovação — disruptivos do equilíbrio anteriormente reinante durante a etapa do "fluxo circular" — têm início a partir dos gastos resultantes do investimento.

Usando o poder de compra que adquire via crédito, o empresário investe na compra de meios de produção e na contratação de trabalhadores. Tendo em vista a existência, por hipótese, de pleno emprego, para deslocar esses fatores de produção das atividades em que estavam alocados, os empresários se dispõem a pagar maiores salários e maiores preços pelos bens de capital e intermediários, o que rompe o equilíbrio até então existente, provocando o aumento da produção de bens de produção e prejudicando a de bens de consumo. Por outro lado, a elevação dos salários gera uma expansão da massa salarial e o aumento dos preços dos bens de produção — ocasionado por desajustes entre a oferta e a demanda desses bens — acarreta a ocorrência de "windfall gains" entre os produtores de bens de produção. Estes

5 Joseph Schumpeter, "A Instabilidade do Capitalismo", pg. 175

6 cf. idem, pg. 183

fatos provocam, por parte de assalariados e capitalistas produtores de bens de produção, o incremento da demanda de bens de consumo, o que contribui para o aumento de seus preços, o que, aliás, é reforçado pela tendência à queda na produção desses bens. Como decorrência, os produtores de bens de consumo também se apropriarão de "windfall gains". De tudo isso resulta, como consequência, a manifestação de efeitos inflacionários generalizados, que têm como causa primeira a decisão de gastar — associada à decisão de inovar — que se manifesta no decurso do período de maturação dos investimentos.

Com o lançamento no mercado da produção resultante da inovação, a empresa inovadora terá lucros⁷ e suscitará a aparição, na sua esteira, de imitadores, na mesma linha de produtos ou em linhas similares. Com a proliferação dos imitadores, há uma tendência à redução dos lucros na área em que ocorreu a inovação. Decorre disso uma tendência de queda nos investimentos associados à inovação e, paralelamente, um aumento da produção de bens de consumo, o que conduz ao desaparecimento dos ganhos ocasionais ("windfall gains") e a um processo de deflação generalizado.

Durante o processo de adaptação dos agentes econômicos à nova situação da economia (recessão), torna-se, dado o ambiente de incerteza que dificulta o cálculo empresarial, muito difícil introduzir outras inovações⁸ e, ademais, há, face a instabilidade existente, uma crise de crédito, com os bancos enfrentando dificuldades de cobrança de créditos oferecidos, no passado, a imitadores retardatários e a especuladores que se deixaram entusiasmar pela ocorrência do "boom", e que se vêem, então, vitimados pelo processo de depuração da economia que se manifesta nas ocasiões de crise econômica.

Verifica-se, nessas condições, uma tendência inexorável da economia se dirigir rumo a uma nova posição de equilíbrio (caindo novamente nas atividades rotineiras típicas do "fluxo circular"), num novo patamar mais elevado de produção global.

Nesta abordagem, apresentada no Capítulo VI de "A Teoria do Desenvolvimento Econômico" (1912), o desenvolvimento se manifesta através de um ciclo econômico de duas fases: prosperidade e recessão.

Uma melhor caracterização do ciclo, na qual entretanto não há significativos avanços em relação à abordagem anterior, é oferecida por Schumpeter na "2a. aproximação" por ele apresentada em "*Business Cycles*" (1939).

Na "2a. aproximação", Schumpeter relaxa a hipótese de pleno emprego na situação de equilíbrio (o que poderia retardar a incidência das pressões inflacionárias ocasionadas pela alocação dos fatores de produção requeridos para a introdução da inovação) e apresenta, como novidade, uma "onda secundária" de decisões de gastos de investimento não associadas a inovações — desencadeadora de efeitos de certo modo correlatos aos que decorrem, na visão

7 O lucro se constitui no resultado, e até certo ponto no móvel, da introdução de inovações (cf. Mario Luiz Possas, op. cit., pg. 175). Para Schumpeter, lucro, juro e capital são conceitos próprios do desenvolvimento, inexistindo no estado de equilíbrio estacionário ("fluxo circular").

8 Para Schumpeter, por definição, nem na primeira fase (de inflação) nem na segunda (de deflação) surgem novas inovações. Elas só surgirão novamente quando deixar de existir a instabilidade.

keynesiana, do multiplicador e do acelerador — que ganha proporções até maiores que as da onda primária (inovação e seus efeitos diretos).

Esses investimentos desvinculados da inovação e da imitação, apesar de serem responsáveis pela criação de emprego e de renda, são vistos por Schumpeter como "bolhas especulativas", que só aumentam o número de empresas que estarão, posteriormente, condenadas à falência. Há, como "pano de fundo" para a formação da onda secundária, conforme seu ponto de vista, um contexto em que a especulação — por parte de investidores, banqueiros, etc. — é estimulada pela expectativa de que o ritmo de crescimento registrado por ocasião do "boom" possa ser prolongadamente mantido.

Na hora da economia passar da fase de "prosperidade" para a de "recessão", torna-se evidente toda a fragilidade da onda secundária. Manifesta-se, então, todo um conjunto de efeitos da especulação e de erros de avaliação — causados pela desinformação dos investidores — contidos no bojo da onda secundária, implicando em: necessidade de venda de ativos para liquidação de dívidas, quebra de empresas, ociosidade da capacidade produtiva instalada, desemprego de trabalhadores, queda na demanda de bens e serviços, etc. Dessa forma, a onda secundária contribui para agravar a instabilidade, criando turbulências que fazem com que a "recessão" se aprofunde numa "depressão", havendo, para que a economia retorne à sua posição tendencial de equilíbrio, a necessidade da ocorrência de uma 4a. fase, que é a de "recuperação".

Além das duas "aproximações" já discutidas — ciclos de duas e de quatro fases —, apresenta Schumpeter uma terceira, que admite a ocorrência de ciclos de periodicidades distintas, que se processariam simultaneamente, cada qual interferindo nos demais. Apoiando-se numa base experimental, distingue ele três tipos de ciclos: o longo, com periodicidade entre 50 e 60 anos, que é o Kondratieff; o médio, que é o de Juglar, cuja duração está entre 9 e 10 anos; e, finalmente, o ciclo de Kitchin, com duração em torno de 40 meses. Cada ciclo de Kondratieff conteria seis ciclos de Juglar e estes, por sua vez, comportariam três ciclos de Kitchin. Schumpeter deixa aberta a possibilidade de que os ciclos deste último tipo sejam meramente adaptativos⁹, enquanto os dos dois primeiros tipos poderiam ser considerados ciclos de inovações¹⁰.

Partindo-se das colocações já feitas sobre a concepção schumpeteriana da dinâmica das economias capitalistas, fica evidenciado que, para Schumpeter, é a inovação — "que — na ausência de impulsos ou distúrbios externos e mesmo de 'crescimento' — destruirá, *de dentro para fora e pelo simples funcionamento*, qualquer equilíbrio que possa ter se estabelecido ou que esteja em processo de estabelecer-se"¹¹ —, a causa fundamental da produção de

9 cf. Joseph A. Schumpeter, "Business Cycles", pg. 171

10 O Prof. Mário Luiz Possas (op. cit., pgs. 198 e 199), após justificar porque, para ele, a teoria do ciclo de Schumpeter "não se mantém de pé", admite, todavia, que, apesar dela não explicar satisfatoriamente a introdução de inovações, dela pode ser extraída uma teoria da "expansão a longo prazo" ou da "tendência", não necessariamente cíclica. Na nota de número 108, observa ele, ainda, que o próprio Schumpeter reconhece a impossibilidade de se atribuir uma periodicidade definida ao ciclo baseado em inovações; e acrescenta: "O que causa espanto é como, apesar disso, se arvora em postular três tipos de ciclos e com períodos mais ou menos definidos, quando seu esquema teórico não oferece a mínima sustentação para tanto".

11 Joseph A. Schumpeter, "A Instabilidade do Capitalismo", pg. 185

flutuações cíclicas que são, "em essência, a forma que o 'progresso' assume no capitalismo concorrencial"¹².

BIBLIOGRAFIA

- DOW, Sheila C., *"Macroeconomic Thought: A Methodological Approach"*, Oxford, Basil Blackwell, 1985.
- KEYNES, John Maynard, *"A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda"*, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- POSSAS, Mario Luiz, *"A Dinâmica da Economia Capitalista: uma Abordagem Teórica"*, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- SCHUMPETER, Joseph A. (1912), *"Teoria do Desenvolvimento Econômico"*, São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- SCHUMPETER, Joseph A. (1928), *"A Instabilidade do Capitalismo"*, in *"Literatura Econômica"*, vol. 6, n.o 2, Março/Abril, 1984.
- SCHUMPETER, Joseph A. (1939), *"Business Cycles"*, Philadelphia, Porcupine Press, 1982.

12 idem, pg. 186. Distinta da de Schumpeter é a visão de Keynes sobre a instabilidade, enquanto propriedade dinâmica de uma economia capitalista. Para Keynes, o determinante último da instabilidade é a incerteza — quanto ao comportamento dos concorrentes, fornecedores e clientes —, originada pelo caráter descentralizado das decisões dos agentes econômicos, as quais são interdependentes no tempo. A instabilidade tem lugar, na economia capitalista, pela ruptura do estado de confiança — que, por definição, é extremamente volátil — sob o qual são tomadas as decisões de investir, o que traz como decorrência flutuações no emprego e na renda.